



CHAVE DE COMPREENSÃO DA HISTÓRIA:

Cultura &
identidades

Denise Pereira
Karen Fernanda Bortoloti
(Organizadoras)

 **Atena**
Editora
Ano 2021



CHAVE DE COMPREENSÃO DA HISTÓRIA:

Cultura &
identidades

Denise Pereira
Karen Fernanda Bortoloti
(Organizadoras)

 **Atena**
Editora
Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Chave de compreensão da história: cultura & identidades

Diagramação: Gabriel Motomu Teshima
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadoras: Denise Pereira
Karen Fernanda Bortoloti

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C512 Chave de compreensão da história: cultura & identidades / Organizadoras Denise Pereira, Karen Fernanda Bortoloti. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-747-2

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.472210312>

1. História. 2. Cultura. 3. Identidades. I. Pereira, Denise (Organizadora). II. Bortoloti, Karen Fernanda (Organizadora). III. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

Ainda que sem nos darmos conta, estamos, cotidianamente, refletindo acerca da sociedade em que vivemos. Cada vez que nos questionamos: “como isso foi possível?” ao nos surpreendermos com uma notícia estampada na rede, estamos pensando sobre os rumos que a sociedade está tomando, portanto, nos questionando e refletindo sobre a sociedade que vivemos. A cultura, como um produto social, tem, certamente, um grande impacto em nossa compreensão como sujeito, portanto, entrelaçar historicamente essas duas discussões, qualifica essas reflexões de forma incontestável.

Ao pensar historicamente uma questão central é como a cultura é essencial aos indivíduos para refletirem sobre suas ações no tempo e a construção de identidades tão diversas. Neste sentido, pensar em história requer pensar em cultura, justamente porque ao estudar a multiplicidade deste conceito desvendaremos as questões inseridas em nosso dia a dia com o objetivo de possibilitar melhor compreensão de todos os fenômenos que estão imersos no cotidiano e impactam em nosso posicionamento no mundo.

Neste momento, em que presenciamos discussões cada vez mais acirradas sobre as identidades, é importante retomarmos os ensinamentos que nos foram legados pelo antropólogo Clifford Geertz de que a cultura é um “sistema simbólico”, uma teia de significados que carrega mecanismos de controle para governar o comportamento. É construída a partir de valores e crenças, de códigos morais e hábitos que são socialmente erigidos, transmitidos, aprendidos por meio de signos e símbolos. Ela contribui para regular e padronizar atitudes e emoções, contribui, historicamente, para a elaboração de identidades.

Este e-book é sem dúvida, um convite a reconhecer no “outro”, naquele que a princípio enxergamos através de pré-conceitos e pré-julgamentos, alguém com quem podemos potencialmente aprender, com quem podemos nos modificar e que também podemos transformar.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Denise Pereira
Karen Fernanda Bortoloti

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

AS REFORMAS DE POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS NO BRASIL E O ENSINO DE HISTÓRIA

Vanderlise Ines Prigol Reginato

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4722103121>

CAPÍTULO 2..... 14

HISTÓRIA DA DISCIPLINA HISTÓRIA NA ESCOLA BÁSICA: O ensino da história local

Ely Carlos Silva Santos

Clarice Nascimento de Melo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4722103122>

CAPÍTULO 3..... 27

HISTORIADORES EM ACERVOS: O FASCÍNIO E OS DESAFIOS DO TRABALHO NO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA

Luciana Cristina Pinto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4722103123>

CAPÍTULO 4..... 38

A ATUAÇÃO DOS EGRESSOS DA ESCOLA DO RECIFE NO PIAUÍ NO FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX

Eduardo Albuquerque Rodrigues Diniz

Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4722103124>

CAPÍTULO 5..... 53

AS CONTRIBUIÇÕES DAS TECNOLOGIAS ASSISTIVAS AO PROCESSO EDUCATIVO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Luzia Alves da Silva

Paulo Miranda da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4722103125>

CAPÍTULO 6..... 64

UMA EXPERIÊNCIA DECOLONIAL DA ESCOLA MUNICIPAL EUGENIA ANNA DOS SANTOS: NARRATIVAS E SABERES DO CANDOMBLÉ NA CONSTRUÇÃO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA

Silene Ferreira Claro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4722103126>

CAPÍTULO 7..... 80

O PASSADO E A HISTÓRIA DIFÍCIL PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM DA HISTÓRIA

Adriane de Quadros Sobanski

Rita de Cássia Gonçalves

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4722103127>

CAPÍTULO 8	99
SANTOS - MUITO MAIS QUE UMA CIDADE LITORÂNEA: UMA CIDADE HISTÓRICA!	
Mara Cristina Gonçalves da Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4722103128	
CAPÍTULO 9	114
OS PRINCIPAIS RITUAIS DO TRADICIONAL CASAMENTO UCRANIANO NA CIDADE DE ANTÔNIO OLINTO (1950 - 1980)	
Jéssica Paula Kaczyk Cuba	
Denise Pereira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4722103129	
CAPÍTULO 10	133
INTELECTUAIS REGIONAIS E HISTÓRIA INTELECTUAL: INDAGAÇÕES SOBRE USOS, PROBLEMAS E POSSIBILIDADES	
Erivan Cassiano Karvat	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.47221031210	
CAPÍTULO 11	145
HISTÓRIA ORAL NA HISTORIOGRAFIA ALAGOANA: UMA ANÁLISE QUALITATIVA	
Josilene Melo Paulino	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.47221031211	
CAPÍTULO 12	155
“SUBIR O MORRO PARA DEPOIS DESCER”: MISÉRIA E SUCESSO DOS SAMBISTAS CARIOCAS NAS CRÔNICAS DE JOTA EFEGÊ	
Camila Medina Zanão	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.47221031212	
CAPÍTULO 13	168
CULTURA MATERIAL E CONSUMO ALIMENTAR NA BELLE ÉPOQUE CARIOCA (1904-1914)	
Jadir Peçanha Rostoldo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.47221031213	
CAPÍTULO 14	177
BIBLIOTECA JOSÉ BAYOLO PACHECO DE AMORIM - UM BREVE OLHAR SOBRE AS MARCAS-DE-ÁGUA DE DOCUMENTOS IMPRESSOS EM PORTUGAL (SÉC. XVI-XVIII)	
Paula Alexandra Da Costa Leite Pinto Pereira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.47221031214	
CAPÍTULO 15	201
BRIGITTE E MARQUESA: SUBJETIVIDADES, TRAVESTILIDADES, AMIZADE E LOUCURA (1950-1960)	
Paulo Vitor Guedes de Souza	

SOBRE AS ORGANIZADORAS.....	216
ÍNDICE REMISSIVO	217

HISTÓRIA ORAL NA HISTORIOGRAFIA ALAGOANA: UMA ANÁLISE QUALITATIVA

Data de aceite: 01/12/2021

Data de submissão: 21/09/2021

Josilene Melo Paulino

Graduanda em Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Membro do GEPPIMC/UFAL (Grupo de Estudo e Pesquisa Processos Imigratórios/Migratórios, Memória e Cultura em Alagoas), desde 2018 Maceió <http://lattes.cnpq.br/6558788169818578>

RESUMO: A proposta desta pesquisa é discutir a respeito das principais contribuições que a História Oral pode proporcionar para o estudo do tempo presente no estado de Alagoas, fazendo uso da memória como sua principal fonte. Debruçar-se-á na seleção e avaliação de monografias que tomaram a História Oral como método e foram realizadas nos cursos de História do Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes (ICHCA) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), e que tiveram como tema a História de Alagoas, a partir dos anos 2000 a 2019. Assim, busca observar e dissertar sobre as possibilidades do uso da História Oral para a Historiografia Alagoana, quais seus autores, quais seus temas, quais suas conclusões.

PALAVRAS-CHAVE: História Oral. Memória. Historiografia Alagoana.

A QUALITATIVE ANALYSIS OF ORAL HISTORY IN ALAGOAN HISTORIOGRAPHY

ABSTRACT: This paper aims to discuss the contributions of oral history to the state of Alagoas in Brazil nowadays by using memories as its main source. In order to do so, undergraduate thesis, from the Human Science, Communication and Arts Institute (ICHCA) of the Federal University of Alagoas (UFAL), that used oral history to tell the recent alagoan history were closely evaluated. Thus, this work attempts to look at the possibilities of using oral history in alagoan history; focusing on its authors, subjects and conclusions.

KEYWORDS: Oral History. Memories. Alagoan Historiography

1 | INTRODUÇÃO

Na Grécia Antiga, há mais de dois milênios, surgiram os primeiros historiadores. Heródoto, considerado o primeiro entre eles, buscou narrar as origens da Grécia e acontecimentos do seu tempo sem tomar como base para explicação qualquer tipo de mitologia, como é o caso da poesia homérica ou da Teogonia de Hesíodo. Foi desta maneira que surgiu a disciplina histórica, como uma narrativa que procurava investigar as origens dos gregos e dos que eles denominavam como bárbaros considerando as ações humanas como causa daquela realidade. Uma das principais fontes utilizadas por aqueles historiadores gregos para as suas investigações foi a memória. O uso de

testemunhos orais baseados na memória de alguns depoentes que foram testemunhas diretas ou indiretas de determinados acontecimentos está na gênese da historiografia.

Preocupado em investigar os próprios autores da história, o estudo do presente produz uma historiografia imediata, sem mediação. Embora, seja preciso salientar a discussão que envolve as possibilidades de confusões e de más interpretações decorrentes da proximidade temporal do “fato” com sua escrita, isso não deslegitima sua produção enquanto conhecimento histórico. Basta levar em consideração que até o momento de sua publicação, que parece ser o instante máximo de uma pesquisa histórica, o historiador precisou de tempo para levantar questões, ler bibliografias, buscar fontes e, inclusive, para escrever – erram a criticar o estudo do Tempo Presente como um estudo fadado a ser determinado pelo “calor do momento” (Chauveau, 1999). Foi necessário, portanto, o surgimento de métodos que possibilitassem o estudo do presente. O jornalismo histórico, as biografias históricas e a História Oral são alguns destes principais métodos.

A História do Tempo Presente vem se firmando cada vez mais como uma área importante para a compreensão do Real e para a escrita da história. O famigerado retorno da História Política entre os anos de 1960 e 1980 do século passado proporcionou novas ferramentas, teorias, técnicas e enfoques para a historiografia. Visando se distanciar da chamada “História Política Tradicional”, sua tão rejeitada antecessora, a “Nova História Política” se cercou de apontamentos para rumos ainda negligenciados pelos historiadores. Tornando possível, desta forma, o surgimento de uma história interessada no imediato do presente, este recorte temporal que carrega há séculos a marca do estudo de insurgências menores, e que acabou sendo deixado a encargo de eruditos amadores, os chamados antiquários. A força da historiografia francesa a partir da década de 1930 contribuiu ainda mais para que o tempo presente fosse deixado de lado. Com suas megaestruturas e sua longa duração, os Annales privilegiaram quase que exclusivamente a pesquisa de estruturas duráveis como mais determinantes para o estudo dos processos históricos (Burke, 1997).

A investigação a que se propõe esta pesquisa parte do ressurgimento da História do Tempo Presente, que se utiliza da memória como fonte para a investigação do tempo presente. Busca pesquisar as principais contribuições que a História Oral pode proporcionar para o estudo do tempo presente no estado de Alagoas, fazendo uso da memória como sua principal fonte. Foram selecionadas monografias que tomaram a História Oral como método e foram realizadas nos cursos de História do Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes da Universidade Federal de Alagoas – UFAL e que tiveram como tema a História de Alagoas, a partir dos anos 2000 a 2019. Em um estado que detém baixos índices de desenvolvimento humano e altas taxas de analfabetismo e violência, mas que, ao mesmo tempo, apresenta possibilidades de campos de estudo tão vastos, o estudo da memória deste Estado se apresenta como uma forma importante para dar “voz” a comunidades, grupos e indivíduos silenciados pelas condições materiais de subsistência a eles impostas. “Dar voz” a estes grupos é “dar voz” a alagoanos e a alagoanas que estão em “baixo”,

que historicamente são “invisíveis” por estarem à margem da sociedade e dos centros de interesse desta.

2 | HISTÓRIA ORAL E MEMÓRIA

Gerada fora dos muros da academia, a História Oral estava associada a entrevistas de personalidades da época como artistas, políticos famosos e empresários de sucesso. Mas, sua utilidade para enxergar questões no âmago do imediato do presente logo a levou a ser utilizada de outras variadas formas. Coincidindo o seu surgimento com as lutas por direitos civis das comunidades negras estadunidenses, não demorou a ser usada na produção de uma “história vista de baixo”. Desde então, a História Oral vem despertando o interesse da comunidade acadêmica, apesar de ainda ser ignorada por alguns segmentos da academia, vem se mostrando eficaz para o estudo do tempo presente, para a produção de biografias históricas e para dar voz e significado a comunidades, a grupos e a indivíduos que estão à margem da historiografia. Para Marieta de Moraes Ferreira, respeitada pesquisadora e autora de obras sobre o tema, as constantes críticas que a História Oral sofreu e sofre por parte de muitos historiadores incentivam os oralistas a produzir uma historiografia que se encontra em permanente estado de reflexão no que diz respeito ao seu modo de funcionamento. Ainda segundo Ferreira, não é difícil de detectar na História Oral “um potencial de pesquisa extremamente rico” (2002, 327).

Segundo o autor José Carlos Sebe Bom Meihy (2006), a História Oral é um recurso moderno, inaugurado principalmente depois da Segunda Guerra Mundial, com o avanço da tecnologia, dos gravadores, das máquinas em geral. A História Oral passou a ser um mecanismo usado para validar algumas experiências que não estão, quase sempre, registradas em documentos escritos, ou que quando estão registradas em documentos escritos, tem outra mensagem, uma dimensão de valor subjetivo. A História Oral, portanto, passa a ser um tipo de narrativa onde a entrevista tenha um fundamento de registro em cima de uma matéria, de um suporte material, que permite uma reflexão diferente das possibilidades da documentação escrita. A História Oral versa pela valorização dos indivíduos, do narrador da história. E nesse sentido ela humaniza, deixa de falar do movimento operário, para falar da história do operário, por exemplo.

Ao longo dos séculos, as fontes historiográficas foram se multiplicando e, já no século XX, a memória passou a ser questionada por sua veracidade. A busca pela cientificidade histórica, tão presente entre os historiadores do século passado, fez com que a memória passasse a ser vista como fonte “duvidosa” por sua subjetividade. Esta concepção foi revista em virtude da chamada “crise da historiografia” ou “crise das humanidades”, que teve início na década de 1960. Aliada a outros campos do conhecimento, como observa o historiador francês Jacques Le Goff (1990), como a psicologia, a neurofisiologia, a psicofisiologia, a biologia e a psiquiatria, a História volta seus olhos tanto para a memória como para a

História do Tempo Presente.

Para Caldas (2013), memória é relação: como momento textual; não é nem passado nem narrativa definitiva: é momento do sujeito que se traduz em ordem narrativa: em ordem de palavras. Memória esta não como um relato fiel do acontecido, não como um reflexo ou menos ainda como uma parte do realmente acontecido – mas sim como uma maneira que aquele, ou aqueles, indivíduos que compartilham suas experiências de vida com o historiador vivenciaram, assumiram e codificaram posteriormente estas vivências por meio de uma narrativa oral. A veracidade da memória, nesta perspectiva, torna-se um fator a mais, podendo ser confrontada com outras fontes. Mas, de maneira alguma, rejeitada. Não devemos ver as “inverdades” (que não são inverdades) como falhas ou pontos pouco significativos dentro da fala do indivíduo. Não devemos confrontar as “inverdades” com documentações para atestar o “erro” daquela fala, mas quando “confrontada” com a documentação, que esta seja como referência àquela narrativa. Nem tampouco devemos mutilar a narrativa no intuito de agregar um valor mais “verídico” àquelas experiências. Muito pelo contrário,

Essa perspectiva que explora as relações entre memória e história possibilitou uma abertura para a aceitação do valor dos testemunhos diretos, ao neutralizar as tradicionais críticas e reconhecer que a subjetividade, as distorções dos depoimentos e a falta de veracidade a eles imputada podem ser encaradas de uma nova maneira, não como uma desqualificação, mas como uma fonte adicional para a pesquisa (FERREIRA, 2002, p. 321).

Observamos as perspectivas da História Oral para Marieta de Moraes Ferreira (2012), nas quais ela afirma que a História Oral trabalha principalmente com declarações orais como instrumentos para preencher as lacunas deixadas pelas fontes escritas. Essa abordagem se concentrou nos estudos das elites, nas políticas públicas implementadas pelo Estado e na recuperação da trajetória dos grupos excluídos, cujas fontes são especialmente precárias. Ao recuperar a história dos excluídos, as declarações orais podem servir não apenas aos objetivos acadêmicos, mas também se tornam instrumentos de construção de identidade e transformação social.

E a segunda perspectiva é a que privilegia o estudo das representações e atribui um papel central às relações entre memória e história, buscando uma discussão mais refinada dos usos políticos passados. A esse respeito, a subjetividade e as deformações do testemunho oral não são vistas como elementos negativos para o uso da História Oral. Consequentemente, a elaboração dos roteiros e das entrevistas não se concentra essencialmente na verificação das informações e na apresentação de elementos que possam constituir contraprovas, a fim de confirmar ou contestar as afirmações obtidas. As distorções da memória podem revelar-se mais um recurso do que um problema, uma vez que a verdade das declarações não é a preocupação central.

3 | HISTÓRIA ORAL NA HISTORIOGRAFIA ALAGOANA

Quando paramos para analisar a Historiografia Alagoana, notamos o quanto essa Historiografia foi detida e restrita pela elite de Alagoas durante décadas. Desconsiderando, em grande parte, vários grupos pertencentes a este estado, muitas vezes esquecidos principalmente por causa de sua classe social. A História Oral vem contribuir para a História de Alagoas, dando a possibilidade de abordar questões sociais que foram deixadas de lado pelo poder do Estado. Desta forma, a História Oral permite que determinada comunidade, por exemplo, rearranje sua devida visibilidade, e seus protagonismos.

O autor José Maria Tenório Rocha em 1990 faz uma breve abordagem sobre a Historiografia Alagoana, desde seu início em 1844 até 1989. E ele relata que os primeiros autores que tiveram a preocupação em escrever acerca da História de Alagoas se prenderam, em sua maioria, aos grandes feitos dos colonizadores, ressaltando a visão do europeu para com a colônia. A Historiografia Alagoana é marcada pela ideologia de dominação de classe que complementa e veicula a ideologia de base da sociedade alagoana no século XIX que se materializa e se consolida como “fato de poder” hegemônico, dominador, conservador.

Discutindo o problema da mão-de-obra para trabalhos em geral, afirma que existem na província poucos escravos e os homens livres não querem trabalhar, pois tem facilidade de conseguir alimentos. Informa ainda que os índios não se sujeitaram ao trabalho porque não têm quem os instigue a trabalhar, nem a polícia pode fazer tal coação (ROCHA, 1990, p. 23).

A Historiografia Alagoana se iniciou a partir de uma obra chamada “Opúsculo da Descrição Geográfica e Topográfica, Física, Política e Histórica, do que Unicamente Respeita à Província das Alagoas no Império do Brasil” por um governador da província das Alagoas em 1844, Antonio Joaquim de Moura. Nesta obra o autor faz questão de ressaltar os interesses sociais das classes dominantes formadas por senhores de engenho e ricos comerciantes. E esses personagens foram durante muitos anos aclamados na História Tradicional referente à História de Alagoas. A História Oral vem logo após a “Nova História Política” para mostrar que as experiências; a vida do indivíduo e sua subjetividade são relevantes, e é possível escrever a História a partir de novas perspectivas, e novas abordagens.

Durante muitos anos foram afirmadas e reafirmadas inverdades em relação aos indígenas, e aos negros nas Alagoas, por exemplo. Pois houve sempre o intuito por parte da elite alagoana de justificar tamanhas crueldades a esses povos. Foram nações escravizadas e assassinadas, porém, por diversas vezes, foi respaldada a tentativa de encobrir o protagonismo do negro e do índio na História de Alagoas, e “encobertas” as barbaridades cometidas a eles. Ademais, a História Oral possui o intuito através das narrativas, a construção de novas Histórias, à medida que o próprio sujeito detém a oportunidade de reelaborar suas concepções, abordagens e opiniões nos momentos de interação com o historiador oralista.

Quando Cristovão Lins, por ordens do governo português foi lançar os fundamentos de Porto Calvo, conquistou dos índios pitiguarís todo o distrito, até o Cabo de Santo Agostinho, onde assentou engenhos de açúcar. O método de dizimação dos indígenas, justificado pela morte do primeiro bispo, foi realmente eficiente ao ponto de chegar, já os inícios do povoamento de Alagoas, ao quase genocídio total (ROCHA, 1990, p. 25).

O autor Moreno Brandão escreve a obra “História de Alagoas” em 1909, e José Maria Antonio Rocha afirma que aquele foi o primeiro texto na História de Alagoas o qual o autor põe bibliografia, embora na citação apenas conste o nome da obra consultada e seu respectivo autor, faltando a editora e o ano da edição, como era costume da época. Na obra de Moreno Brandão, apesar de seguir uma cronologia, há também uma tentativa de interpretação dos fatos, não apenas uma exposição dos dados de forma cronológica, o que, na época, representou um avanço na escrita da História de Alagoas.

Em 1987, o autor, historiador e atual professor do Curso de História da Universidade Federal de Alagoas, José Roberto Santos Lima, escreveu a obra: “História de Alagoas: Teoria, testes”, na qual discursa a respeito dos primeiros habitantes de Alagoas. Nela, ao invés do autor ter se debruçado apenas à questão estadual - bastante abordada em seu tempo - o autor propôs uma análise da questão no Brasil, dando perspectivas à desmistificação do índio bondoso ou preguiçoso, ou do índio culpado por crimes a ele ideologicamente atribuídos. Tocando, por exemplo, na questão da morte do Bispo Sardinha, expondo o fato como sendo justificativa ideológica para dizimação da Comunidade Indígena Caetés.

Mediante a predominância da narrativa de elite na História de Alagoas, é que a História Oral se faz necessária para “dar voz” a grupos e indivíduos que foram esquecidos, silenciados ao longo da escrita da Historiografia Alagoana. E atualmente o que se tem produzido no Curso de Licenciatura e Bacharelado em História da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) tem abordado diversas temáticas sociais e culturais recentes que esteve, durante décadas, à margem da sociedade, e distante do meio acadêmico, porém tem recebido seu devido protagonismo. Abordagens acerca da História de Alagoas que não há, muitas vezes, documentações escritas, têm sido pesquisadas na academia, entretanto, ainda há muito o que evoluir, e o que pesquisar no nosso Estado.

Por meio desta pesquisa realizada no arquivo da Biblioteca Setorial do Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes da UFAL, foi constatado que pouco se tem utilizado a História Oral como método nas produções acadêmicas dos formandos em História que pesquisaram a História de Alagoas (dos anos 2000 a 2019). Foram selecionadas algumas monografias que abordam a História de Alagoas utilizando a História Oral como método. Os dados na Tabela a seguir estão de acordo com o arquivo da Biblioteca Setorial do Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes (ICHCA). E esses dados não são totalmente precisos porque o arquivo de monografias do curso de História não está completo, pois alguns alunos que se formaram recentemente, não doaram seus respectivos trabalhos para a biblioteca.

Monografias sobre diversos temas	Monografias sobre História de Alagoas	Monografias sobre História de Alagoas utilizando História Oral
320	212	12

Monografias da Biblioteca Setorial do ICHCA - UFAL

Fonte: Arquivo da Biblioteca Setorial do ICHCA - UFAL

Há neste arquivo cerca de quinhentas e trinta e duas monografias dos cursos de História (Licenciatura e Bacharelado) da Universidade Federal de Alagoas. E dentre elas, duzentas e doze abordam, de alguma forma, a História de Alagoas. O qual é um dado bastante relevante para a escrita da História de Alagoas porque podemos afirmar que quase metade do que tem sido produzido na academia em História do Campus A. C. Simões, são abordadas temáticas de suma importância para a História de Alagoas, e que a maioria dos historiadores formados na UFAL tem se preocupado com a Historiografia Alagoana.

Algumas dessas monografias são: “Deficiência Mental e Inclusão Social: Uma Contribuição para a História dos Portadores de Necessidades Especiais em Alagoas” de Helena Diniz Barros Vale; “Reflexões sobre a mulher negra no mercado de trabalho - Maceió, AL” de Cláudia Cabral Amaro; e “Lembranças da Vida no Trabalho: Memória social de trabalhadores da indústria têxtil em Rio Largo – AL” de José Edson Alves da Silva. Porém, há diversas temáticas referentes à História de Alagoas que não há documentação escrita sequer, e por este motivo também, essa deve ser uma das nossas motivações para nós pesquisadores, utilizar bastante a História Oral - essa metodologia tão rica que nos oferece diversas possibilidades de pesquisa e alcance a diversos lugares de fala.

MONOGRAFIAS SOBRE HISTÓRIA DE ALAGOAS UTILIZANDO HISTÓRIA ORAL:

- Relações de Trabalho e Cotidiano dos Cortadores de Cana sob o Regime da Monocultura Canavieira no Município de Campo Alegre - AL, a partir da Década de 1990 - Marice Rocha Barbosa – 2008 – *Licenciatura*;
- O Evangelho Restaurado em Maceió: Estabelecimentos da fé e cultura dos mórmons (1966-1982) - Fernando Pinheiro da Silva Filho – 2018 – *Licenciatura*;
- As Cheias: Memória coletiva e individual da comunidade de remanescentes de Quilombos Muquém / AL - João Victor Cavalcante Oliveira – 2017 – *Licenciatura*;
- Imaginar no sertão: relações entre o registro rupestre e imaginário popular em Pão de Açúcar – Alagoas – Sarah Cavalcante de Oliveira – 2011 – *Bacharelado*;

- Trabalhadores Rurais sem Terra e a Violência Sistêmica em Alagoas: Um Estado de Impunidade – Liedja Batista Lopes – 2010 – *Licenciatura*;
- Aldeia Wassú-Cocal: História, Cultura e Vida – Welligton Firmino de Souza – 2008 – *Licenciatura*;
- São José da Laje: Revivendo Memórias da Enchente de Março de 1969 – Antônio Gomes da Silva Neto – 2007 – *Licenciatura*;
- Considerações Patrimoniais acerca das Ruínas de São Bento em Maragogi – Marcelo Góes Tavares – 2003 – *Licenciatura*;
- A História dos Conjuntos Frei Damião, Benício Mendes de Barros e Geraldo Bulhões: Estudos Iniciais – Cláudia Maria Silva de Melo/Ricardo Alexandre Rodrigues Reis – 2002 – *Licenciatura*;
- A Breve História de Mar Vermelho, A Suíça Alagoana – Nailza da Silva Barros – 2000 – *Licenciatura*;
- Lagoa e Arpão: Uma História Oral na Comunidade Sururu de Capote – AL - Geovanne Otavio Ursulino da Silva – 2016 – *Licenciatura*;
- Protagonismo das Mulheres Indígena Em Alagoas (1989-2010) - Ana Valéria dos Santos Silva – 2019 – *Licenciatura*;

Dentre as duzentas e doze monografias referentes à História de Alagoas, apenas doze - listadas acima - utilizaram História Oral como método. Uma delas é a monografia de Geovanne Otavio Ursulino da Silva de 2016, por título: “Lagoa e Arpão: Uma História Oral na Comunidade Sururu de Capote – AL”. Em sua monografia o autor utiliza a História Oral como seu principal método, a fim de conhecer a dimensão vivencial desta comunidade, por meio de narradores específicos, a partir da narrativa de um dos moradores pescador da Comunidade Sururu de Capote: David Henrique Santos da Silva. Geovanne Otavio Ursulino da Silva utiliza uma das possibilidades da História Oral pontuada por Marieta de Moraes Ferreira (2002), a qual valoriza a subjetividade e ficcionalidade do discurso oral, onde a veracidade não é a principal preocupação, e os objetivos são interpretar e discutir o que não está “explícito” na narrativa do narrador, interligando o que ele diz ao que está nas entrelinhas de sua fala.

E a monografia de Ana Valéria dos Santos Silva de 2019, por título: “Protagonismo das Mulheres Indígena Em Alagoas (1989-2010)”, na qual analisou o protagonismo da mulher indígena em Alagoas, principalmente a sua participação política. Ademais, utilizando a História Oral como ferramenta por causa da ausência de documentação escrita. A autora utilizou a História Oral em sua pesquisa para dialogar com as fontes documentais. A História Oral enquanto metodologia propicia a investigação e compreensão das histórias de vida dessas mulheres. Nesta monografia, a narradora foi a indígena Xuxuru-Kariri Graciliana Wakanã. Ana Valéria Silva elaborou um questionário para a entrevista, e analisou trechos da entrevista em um dos capítulos de sua monografia intitulado: O Protagonismo Feminino

em Palmeira dos Índios.

4 | CONCLUSÃO

Embora seja objeto de poucos estudos metodológicos mais consistentes, a História Oral, não como disciplina, mas como método de pesquisa que produz uma fonte especial, provou ser um instrumento importante para proporcionar uma melhor compreensão da construção de estratégias de ação e representações, de grupos ou indivíduos em diferentes sociedades. Ela proporciona novas possibilidades de pesquisas que antes não eram sequer cogitadas pela História Tradicional. Seria então uma questão da História Oral capturar as vozes ocultas pelo conhecimento oficial, construídas através de documentos convencionais, principalmente escritos. É esse caráter de “denúncia” combinado a uma agenda baseada na busca da inclusão social que, ao mesmo tempo, garantiria o aspecto democrático e social da História Oral. A qual é uma forma de repensar os direitos humanos e criar políticas públicas para a população excluída e marginalizada.

O método da História Oral na Historiografia Alagoana, portanto, deve ser aplicado também onde documentos convencionais não funcionam, revelando segredos, detalhes, ângulos pouco ou nada valorizados por documentos formalizados em códigos dignos de um conhecimento acadêmico que foi definido longe das políticas públicas. Aspectos subjetivos, deformações de fatos, mentiras, fantasias, ilusões, seriam, portanto, elementos consideráveis para quem busca mais do que “verdade”: as dimensões e formas de narrativas das “inverdades”.

Os estudantes do Curso de História da UFAL, em sua maioria - de acordo com minha experiência na graduação com início em 2014 - se deparam com História Oral apenas no quinto período, na disciplina de “Métodos da História”, na qual o professor ministrante aborda este método em alguma de suas aulas durante o período. Talvez esse seja um dos “motivos” pelo qual a História Oral não seja utilizada com mais frequência nas pesquisas historiográficas, pois é pouco trabalhada. Acredito que ainda é necessária uma aceitação e valorização maior dessa metodologia na academia, para que a História Oral esteja presente e obtenha, efetivamente, seu espaço. Contudo, como vimos ao decorrer desta pesquisa, ela é um método eficaz para a escrita da História de Alagoas, a fim de contribuir na extinção de tamanhas lacunas e déficits que ainda visualizamos na Historiografia Alagoana.

Muitos historiadores criticam a História Oral porque acreditam que seria necessário um “discurso puro” para ser uma fonte eficaz, e defendem a perspectiva de que um depoimento oral só alcança sua plenitude em confronto com o documento escrito, havendo assim, sua real significação. Porém, sabemos que não existe verdade histórica, logo, o objetivo da História Oral não é encontrar o acontecido, ou alcançar a memória verídica, mas dialogar com as subjetividades das narrativas. Compreender os acontecimentos, interpretar determinadas memórias para ressaltar a singularidade do indivíduo, de sua comunidade,

ou de seu mundo. É o que está escasso, apesar dos avanços, na Historiografia de Alagoas, pois impera a narrativa dos grandes acontecimentos, e enaltecimento dos grandes nomes alagoanos.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Ferreira, Marieta de Moraes. Fernandes, Tania Maria (orgs.). **História Oral: Desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000.

BRANDÃO, Moreno. História de Alagoas. In: ROCHA, José Maria Tenório. **Historiografia de Alagoas: Primeira Leitura**. Revista do ICHCA (Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes). Maceió, Ano III, n. 05, p. 19-40, [abr?]. 1990.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales: A revolução francesa da historiografia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

CALDAS, Alberto Lins. **Experiência e Narrativa: Uma Introdução à História Oral**. Maceió: Edufal, 2013.

CHAUVEAU, Agnès. Tétart, Philippe. **Questões para a História do Presente**. Bauru: EDUSC, 1999.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **História, tempo presente e história oral**. Topoi, Rio de Janeiro, Ano 3, nº 5, 2002, p. 314-332.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

LIMA, José Roberto Santos. História de Alagoas: Teoria, Testes. In: ROCHA, José Maria Tenório. **Historiografia de Alagoas: Primeira Leitura**. Revista do ICHCA (Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes). Maceió, Ano III, n. 05, p. 19-40, [abr?]. 1990.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Os novos rumos da história oral: o caso brasileiro. **Revista de história**, n. 155, 2006, p. 191-203.

MOURA, Antonio Joaquim. Opúsculo da Descrição Geográfica e Topográfica, Física, Política e Histórica, do que Unicamente Respeita à Província das Alagoas no Império do Brasil. In: ROCHA, José Maria Tenório. **Historiografia de Alagoas: Primeira Leitura**. Revista do ICHCA (Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes). Maceió, Ano III, n. 05, p. 19-40, [abr?]. 1990.

ROCHA, José Maria Tenório. **Historiografia de Alagoas: Primeira Leitura**. Revista do ICHCA (Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes). Maceió, Ano III, n. 05, p. 19-40, [abr?]. 1990.

SILVA, Ana Valéria dos Santos. **Protagonismo das Mulheres Indígena Em Alagoas (1989-2010)**. 2019. 83f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) - Graduação em História, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2019.

SILVA, Geovanne Otavio Ursulino. **Lagoa e Arpão - Uma História Oral na Comunidade Sururu de Capote - AL**. 2016. 77f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) - Graduação em História, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2016.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acervos 27, 29, 30, 34, 36, 37

Anormalidade 201, 202, 204, 205, 210, 214

B

Bibliotecas Particulares 177

C

Casamento ucraniano 114, 120, 124, 129, 130, 131

Centro de documentação 27, 29, 30, 35, 37, 134, 177

Consciência histórica 64, 65, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 79, 82, 87, 92, 93, 97, 98

Crônica 155, 156, 159, 162, 163, 164, 167, 175

Cultura 5, 7, 10, 16, 17, 19, 20, 23, 24, 26, 40, 51, 55, 62, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 75, 76, 77, 82, 84, 85, 87, 89, 93, 98, 101, 102, 104, 111, 114, 115, 117, 118, 121, 123, 127, 131, 136, 139, 145, 151, 152, 155, 156, 157, 158, 163, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 175, 176, 177, 178, 179, 199, 201, 216

Cultura popular 17, 26, 89, 155, 156, 157, 158, 167

Currículo 1, 4, 7, 8, 9, 10, 11, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 48, 59, 70, 71, 83, 85, 86, 97

D

Decolonialidade 65, 77

Direito 3, 6, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 55, 78, 85, 123, 135, 187, 193

Disciplinas escolares 14, 15, 16, 17, 18, 23, 25, 26

Ditadura civil militar 20, 23, 80, 81, 82, 83, 90, 92, 93, 94, 95, 96

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 25, 26, 44, 47, 53, 54, 55, 56, 59, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 69, 70, 71, 72, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 91, 92, 93, 94, 96, 97, 113, 161, 206, 216

Educação básica 1, 6, 8, 10, 12, 61, 64, 80, 81, 82, 92, 93, 94, 97

Educação para relações étnico-raciais 65

Emigração 114

Ensino de história 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 64, 65, 70, 72, 78, 80, 81, 83, 84, 86, 87, 89, 93, 97, 98, 112, 131

Escola do Recife 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 52

H

História 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 45, 48, 50, 51, 52, 55, 62, 63, 64, 65, 70, 71, 72, 73, 74, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 107, 111, 112, 113, 114, 115, 131, 133, 134, 135, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 158, 159, 161, 162, 163, 165, 166, 167, 168, 169, 173, 176, 178, 179, 185, 188, 189, 192, 193, 195, 196, 199, 201, 202, 209, 211, 213, 214, 215, 216

História difícil 80, 81, 83, 87, 92, 94, 95, 97

Historiadores 22, 27, 34, 36, 37, 40, 89, 91, 145, 146, 147, 151, 153

História local 7, 14, 15, 16, 17, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 140, 143, 144

História oral 114, 115, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154

Historiografia alagoana 145, 149, 150, 151, 153

J

Jota efegê 155, 156, 157, 158, 162, 163, 164, 165

L

Locais de memória 99

M

Marcas-de-água 177, 178, 180, 181, 182, 183, 184, 196, 198

Memória 9, 26, 29, 36, 52, 72, 74, 75, 90, 99, 102, 112, 140, 145, 146, 147, 148, 151, 153, 154, 155, 156, 158, 161, 162, 164, 165, 167, 205, 206, 209, 211, 212

Música 31, 33, 126, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 203

P

Passado 13, 14, 15, 16, 19, 24, 25, 28, 36, 72, 73, 75, 76, 78, 80, 81, 82, 83, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 102, 107, 110, 114, 116, 139, 144, 146, 147, 148, 155, 157, 164, 165, 213

Pesquisa 12, 14, 15, 16, 17, 20, 25, 26, 27, 29, 30, 33, 35, 37, 41, 43, 44, 53, 57, 60, 61, 66, 70, 71, 79, 86, 87, 92, 96, 97, 100, 101, 104, 115, 134, 137, 138, 142, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 155, 156, 161, 163, 166, 178, 201, 208, 214

Pessoa com deficiência visual 53, 55, 59

Piauí 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 50

Políticas públicas 1, 2, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 148, 153

Preservação de documentos 177

Professores 1, 2, 4, 5, 6, 7, 10, 16, 19, 20, 24, 25, 26, 27, 29, 31, 40, 42, 47, 50, 59, 76, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 95, 97, 104, 134

R

Rituais 67, 77, 114, 115, 120, 122, 130, 131

S

Santos 12, 13, 14, 31, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 77, 78, 80, 81, 82, 89, 90, 91, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 110, 111, 112, 113, 131, 143, 150, 152, 154, 174, 200

Subjetividades 24, 73, 153, 201, 202, 213, 214

T

Tecnologias assistivas 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 62

Travestis 201, 202, 206, 210, 211, 214

Turismo pedagógico 99



CHAVE DE COMPREENSÃO DA HISTÓRIA:

Cultura &
identidades

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2021



CHAVE DE COMPREENSÃO DA HISTÓRIA:

Cultura &
identidades

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2021